

Ana Maria Magalhães | Isabel Alçada

Os Primos e a Bruxa Cartuxa

Ilustrações de Helena Simas



CAMINHO

Capítulo 1

Um sábado especial

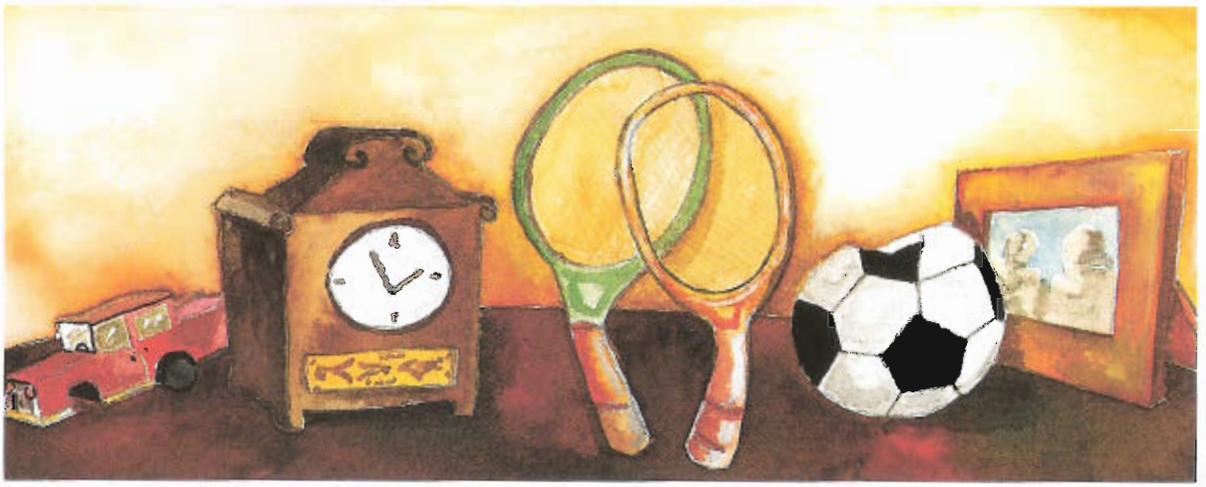
Matilde foi a primeira a chegar à quinta dos avós para passar o fim-de-semana. Enquanto o primo não apareceu, andou numa correria pelo jardim, sempre a espreitar por entre as grades do portão a ver se ele já lá vinha. Finalmente avistou o carro e desatou aos pulos de contente.

— Gonçalo! Gonçalo!

O carro parou, a porta abriu-se e o Gonçalo saiu disparado, também ele contentíssimo porque tinham falado ao telefone e já estava combinado fazerem um passeio muito especial.

— Precisamos de encher os pneus das bicicletas — lembrou. — Vamos à garagem, anda!

Os dois primos adoravam o velho celeiro que estava transformado em garagem. Era um espaço enorme, bastante escuro, onde se arrumavam os carros, as bicicletas e as ferramentas. Mas também servia para guardar brinquedos partidos, um relógio antigo que já não funcionava, bolas de futebol vazias, raquetes tortas, as rodas de uma carroça, três molduras sem vidro e outras coisas que se punham por ali encostadas às paredes, na ideia de que um dia ainda pudessem ser úteis. Lá dentro cheirava a corda, a óleo e a borracha. Quando chovia, era o melhor sítio da quinta para brincar. Mas naquele sábado o Sol brilhava como um disco de ouro no céu azul!



Gonçalo foi buscar a bomba e, com a ajuda da prima, encheu os pneus das duas bicicletas.

— Pronto. Podemos ir!

Radiantes da vida, saíram da garagem já a pedalar e dirigiram-se à floresta que ficava ao fundo da quinta. Um vento ligeiro agitava as folhas das árvores e havia pássaros a saltitar entre os ramos. Gonçalo seguiu em frente. Como o caminho se tornava cada vez mais estreito, não podiam ir ao lado um do outro. Por isso, de vez em quando Gonçalo usava a campainha para comunicar com a prima que vinha atrás. E ela respondia-lhe com o mesmo número de campainhadas: «trim... trim... trim...».

Sabia-lhes bem sentir o vento nos cabelos, respirar o ar fresco, enrijar os músculos para pedalar com força. A terra rangia debaixo dos pneus, aqui e além saltavam pedras pequeninas, os ramos baixos roçavam-lhes na pele da cara sem magoar.

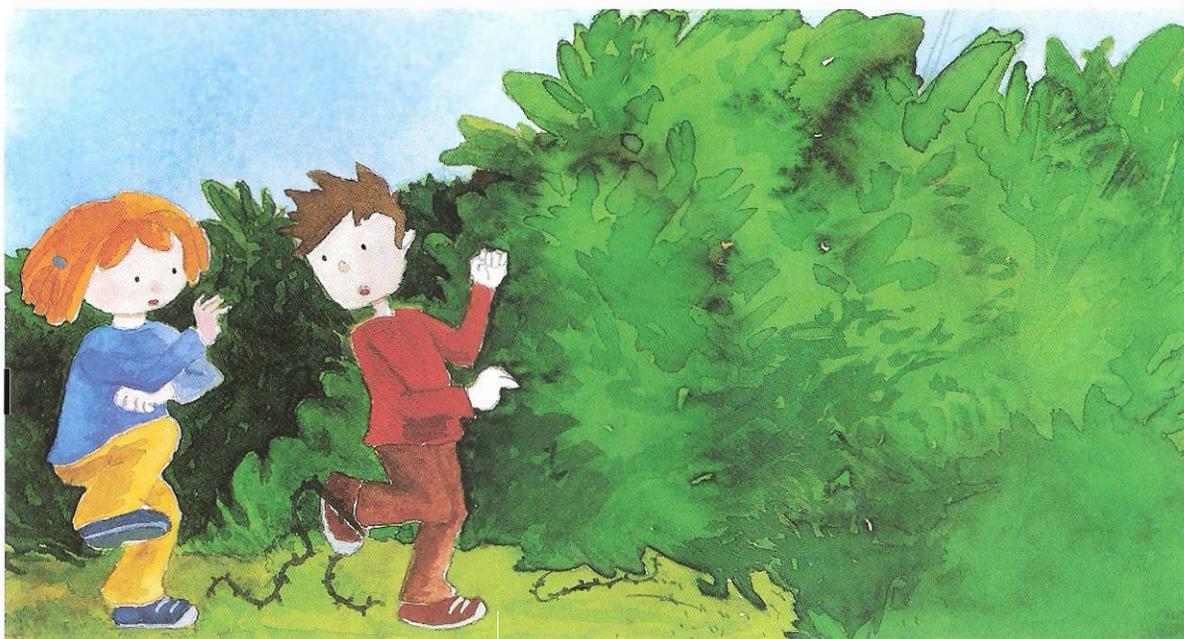
— Matilde, olha!

Gonçalo travou de uma forma brusca, a prima deu uma guinada para a direita e quase chocou com ele.

— O que foi?

— O caminho acaba aqui. Devemos ter entrado na floresta mágica.

Deixaram as bicicletas encostadas a um tronco e continuaram a andar a pé por entre as árvores. Adiante encontraram um verdadeiro muro de verdura, uma sebe de plantas emaranhadas onde não podiam tocar porque tinha picos e espinhos.



— Não há nada a fazer — disse a Matilde. — O melhor é voltarmos para trás. Gonçalo já ia a rodar nos calcanhares quando ouviram um ruído estranhíssimo, «rinhou... rinhou...».

— O que é isto?

— Não sei. Parece um coro de gatos a miar dentro daquelas plantas.

— Mas dentro das plantas ficavam todos arranhados.

O coro continuava: «rinhou... rinhou...».

— Vou espreitar — disse o Gonçalo já de mão estendida para afastar a folhagem. — Com cuidado, conseguimos. Ajuda-me, vá.



— Espera. Se afastarmos as folhas com um pau, não nos picamos.

— Boa ideia.

Debruçaram-se então os dois à procura de ramos secos. Escolheram o que lhes pareceu melhor e enfiaram-no no muro de verdura.

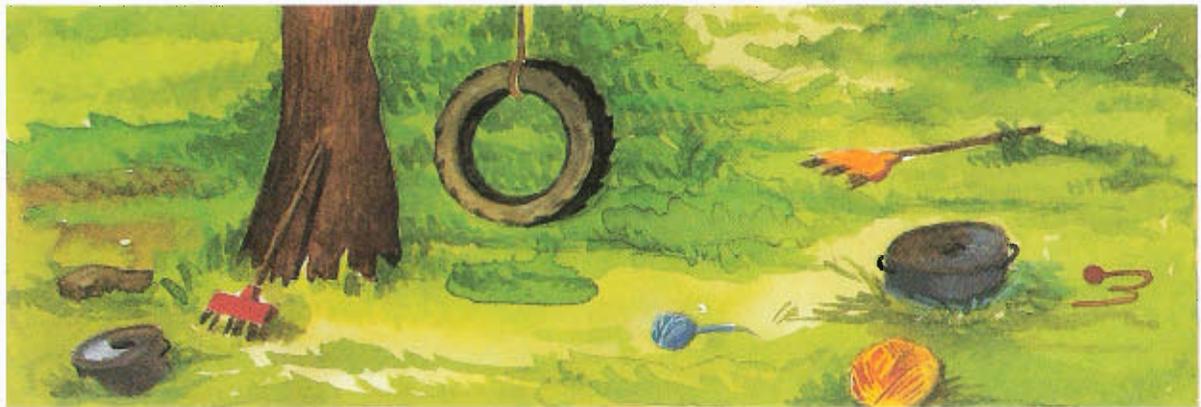
Nesse momento o coro dos gatos tornou-se ensurdecedor, eles sentiram a cabeça a andar à roda e o chão a fugir debaixo dos pés.

Capítulo 2

Um recreio de gatos

O muro de verdura abriu como por encanto e os ramos formaram uma passagem em arco. Os primos foram espreitar mas não conseguiram ver logo o que havia do lado de lá por causa da luz, uma luz branca muito forte que os obrigou a pestanejar. Enquanto esfregavam os olhos, sentiram um formigueiro nas pernas. E de repente, sem perceberem como, já estavam do outro lado do muro de verdura. A luz branca desapareceu e a abertura nos ramos fechou. Matilde e Gonçalo não ficaram assustados porque aquele sítio afinal era uma espécie de quintal enorme cheio de velharias. Havia panelões furados por cima da erva, vassouras partidas e quase todas carecas, bolas de cordel, novelos de lã de muitas cores diferentes e um pneu de camião pendurado no tronco de uma árvore para servir de baloiço.

— Este quintal parece um recreio para gatos — disse a Matilde.



Realmente, gatos não faltavam por ali. Três andavam à luta por causa do baloiço. Eram brancos, lingrinhas e com pêlo comprido. Cinco giravam à volta dos novelos de lã. Desses cinco, três eram pretos e dois eram malhados. No tronco da árvore dormia mais um gato amarelado, gorducho e com ar pachorrento. Na zona das panelas furadas corriam e saltavam imensos filhotes de vários tamanhos que se arranhavam na brincadeira, miavam e reboavam pelo chão.

Matilde e Gonçalo estavam tão entretidos a olhar para aquela gataria, que não repararam num pequeno telhado em bico meio escondido por trás de uma laranjeira. Mas de repente ouviram gargalhadas.

— Ih! Ih! Ih!



As folhas da laranjeira estremeceram e na frente da Matilde e do Gonçalo apareceu uma rapariga vestida de bruxa. Tinha roupa preta até aos pés e um chapéu em bico com abas muito largas. Por baixo do chapéu saíam tufo de cabelo ruivo muito espetado que lhe chegavam aos ombros. Os olhos eram

azuis, brilhantes e risonhos. Na mão transportava uma vassoura comprida com um assento a meio cabo, igualzinho aos selins das bicicletas. Devia tratar-se de uma vassoura voadora.

— Olá! Eu sou a bruxa Cartuxa e adoro ter visitas, sobretudo quando são seres humanos com menos de dez anos!

— Porquê? — perguntaram os primos em coro.

— Porque vivo sozinha na minha casinha.

— Mas porque é que gosta mais de pessoas com menos de dez anos?



— Porque são muito mais divertidas. E além disso adoram as minhas comidas.

Os primos riram e ela riu outra vez.

— Ih! Ih! Ih!

Logo a seguir, convidou-os:

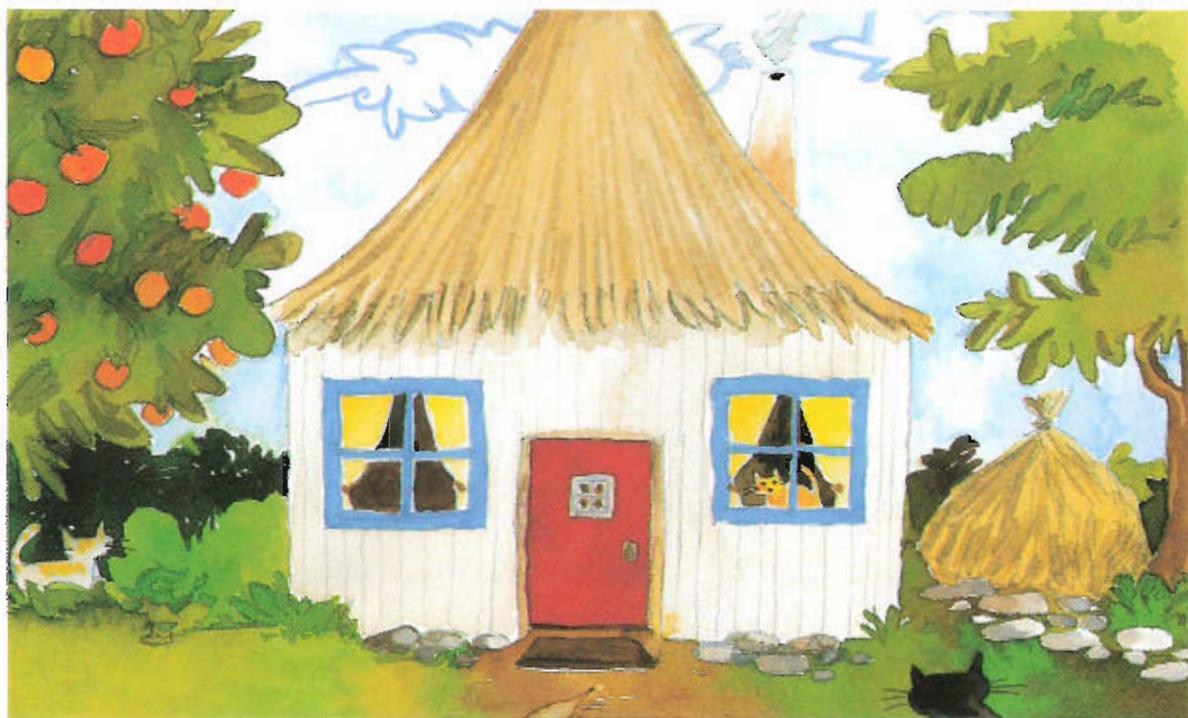
— Ora vamos entrar e toca a lanchar!

Matilde e Gonçalo olharam um para o outro sem saber bem o que fazer. A bruxa Cartuxa parecia-lhes simpática, mas que tipo de comida lhes iria oferecer?

— Então? Entram, ou não?

Eles deram alguns passos em frente. A bruxa afastou para o lado os ramos da laranjeira e ficou à vista uma casinha de madeira com telhado de palha, tão engraçada que apetecia mesmo ir vê-la por dentro.

— Anda — disse o Gonçalo em voz baixa. — Se não gostarmos do lanche, fingimos que comemos e pronto.



A Matilde concordou. Assim que a bruxa Cartuxa abriu a porta, entraram os dois para uma sala quadrada que tinha uma lareira ao fundo. Por baixo da chaminé ardiam vários troncos. As labaredas aqueciam um enorme panelão de ferro onde fervia um líquido verde-escuro que deitava fumo verde-claro. Seria aquilo o lanche? Que horror!

— Sentem-se aqui à mesa e vão ter uma surpresa! — chamou a bruxa toda contente.

Quando se sentaram, a bruxa disse umas palavras mágicas:

— Afralibum, afralilanche, põe-te toalha, traz o meu lanche.

A mesa tremeu, tremeu, estremeceu, estremeceu e apareceu o lanche em cima de uma toalha vermelha. Matilde e Gonçalo abriram a boca de espanto.

— Isto é que é o lanche?

— Nunca comemos um lanche assim!



Capítulo 3

Mensagens à hora de lanche

Num prato de papel havia quadrados de chocolate em cima de rodela de banana. Noutro prato, fatias gordinhas de maçã com fatias fininhas de marmelada. E na travessa, rolos de fiambre recheados de caramelo.

— Gostam? — perguntou a bruxa Cartuxa. — São receitas inventadas pela minha prima Bruxulina. Se não gostarem, posso mandar vir mais pratos de papel e sirvo rabos de lagarto com mel.

— Não! — quase gritaram os primos. — Não vale a pena mandar vir mais nada. Este lanche está óptimo.

Antes que a bruxa se lembrasse de fazer aparecer os tais rabos de lagarto, começaram a comer. Adoraram enfiar os dentes no chocolate que era rijo mas que tinha coladas as rodela de banana bem macias. E saborear ao mesmo tempo a maçã, que era um bocadinho ácida, com a marmelada mole e doce. Também acharam graça ao fiambre, que era ligeiramente salgado, de mistura com o caramelo bastante adocicado.

Distraídos com a refeição, não tinham reparado num quadro verde igual ao da escola que estava pendurado numa parede. Mas os paus de giz desataram aos pulos em cima da prateleira sem ninguém lhes mexer.

— O que é isto? — perguntaram.

— É uma mensagem — respondeu a bruxa Cartuxa levantando-se. — Vou receber uma mensagem.

Correu para junto dos paus de giz e pôs-se a falar com eles como se fossem seres vivos.

— Vocês estão fartos de saber que só um pode escrever!

Para grande espanto dos primos, os paus de giz arrumaram-se imediatamente na prateleira e ficou só um a escrever no quadro. Desenhava as letras devagar e com muito cuidado.

A certa altura a bruxa Cartuxa explicou:

— Os meus paus de giz são especiais porque conseguem captar sinais.

— Sinais de quem? — perguntou o Gonçalo.



— De quem é meu amigo e quer comunicar comigo.
As letras iam aparecendo no quadro e formaram um verso:

*Fiquei presa num rochedo
A minha sorte está feia
Se não vens, morro de medo
A tua amiga*

Para saberem quem tinha mandado a mensagem era preciso adivinharem a última palavra. Leram então o verso em voz alta e quando chegaram ao fim, exclamaram:

— Baleia!

A bruxa Cartuxa riu-se e acenou que sim.

— Tem uma amiga baleia?

— Tenho. Eu sou a bruxa preferida dos animais, porque quando os ajudo uma vez, não me querem largar mais.

— E consegue salvar uma baleia que ficou presa num rochedo?

A bruxa fez cara de caso difícil. Depois confessou que debaixo de água perdia os poderes mágicos. A seguir perguntou:

— Vocês sabem nadar?

— Sabemos, claro! — responderam os primos.

— Então talvez possam ajudar.

— Nós? As baleias são enormes e pesadíssimas.

— E nós somos pequenos.

— Pode não ser questão de força, mas questão de habilidade. E vale a pena tentar se for de livre vontade.

Ajeitou o selim da vassoura voadora para deixar mais espaço livre e convidou-os:

— Vamos voar até ao mar?



Um convite assim não se podia recusar. Matilde e Gonçalo instalaram-se direitos e bem agarrados para não caírem. A bruxa Cartuxa soltou um assobio, a porta e as janelas abriram-se de par em par, um vento em remoinho varreu a casa e a vassoura disparou porta fora como se fosse um avião.

Capítulo 4

Missão difícil

A vassoura começou aos ziguezagues porque não aguentava com o peso de três pessoas.

— Vamos cair — gritaram os primos cheios de medo.

A bruxa Cartuxa soltou um assobio e depois disse assim:

— Segurem-se bem, respirem fundo, eu vou chamar a maior ave do mundo!

Poucos minutos depois apareceu uma águia enorme com grandes asas de penas castanhas, olhos vivos e bico amarelo.

— E agora, e agora? — perguntou a Matilde.

— O que é que fazemos?

O que havia a fazer era deixarem-se escorregar pelo cabo da vassoura e instalarem-se nas costas da águia. Foi o que fizeram e sentiram-se tão confortáveis, como se viajassem sentados numa almofada de penas.



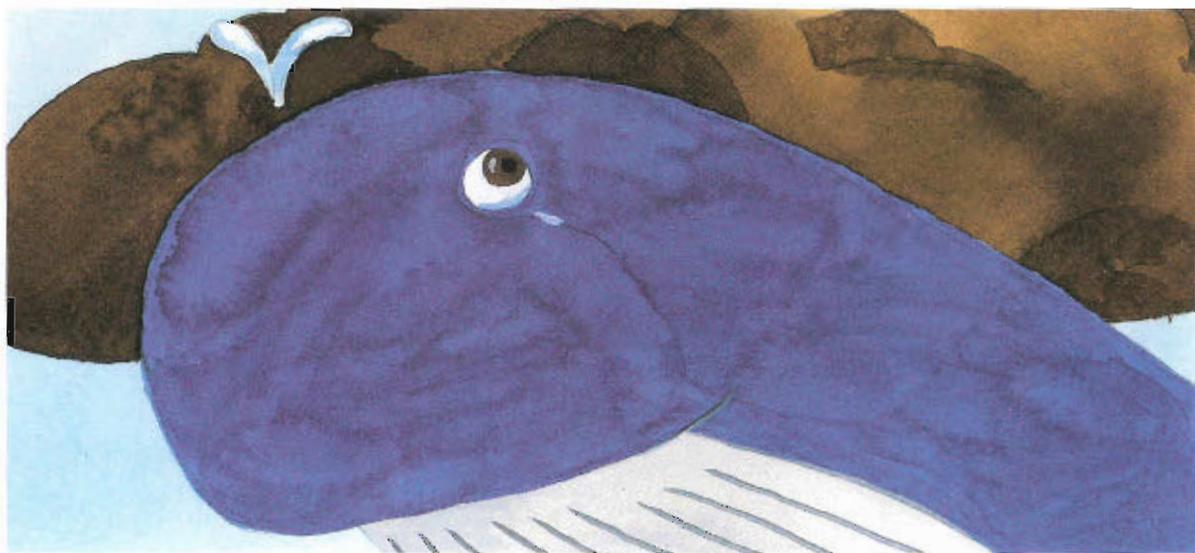


Quando já seguiam por cima do mar, avistaram a pobre baleia. Coitada! Estava presa entre um rochedo e um bloco de gelo enorme. A bruxa Cartuxa foi pousar em cima dela e a água fez o mesmo. Os dois primos apearam-se e apanharam um susto porque a pele da baleia era muito lisa, gordurosa, escorregadia.

— Cuidado, Matilde!

Para não caírem à água, os dois primos sentaram-se à espera de ordens. Entretanto a bruxa Cartuxa falou à baleia com voz amigável:

— Não te aflijas mais que te vamos salvar. Daqui a pouco saís e pões-te a nadar.



A baleia respondeu lançando para o ar um esguicho de água morna e esperou pacientemente que a libertassem. Mas não era fácil. Depois de muitas voltas e reviravoltas é que a bruxa Cartuxa encontrou uma solução. Precisavam de facas para abrir buracos no bloco de gelo. Também precisavam de fatos de mergulho, óculos e respiradouros para poderem mergulhar naquelas águas tão frias. E precisavam ainda de uma corda para puxar a baleia.

Para arranjar tudo isso, voltou a dizer:

— Afralibum, afralixote, venha o que preciso num grande caixote.



Mal terminou, apareceu o que ela queria e deitaram mãos à obra.

Matilde e Gonçalo equiparam-se rapidamente, pegaram nas facas, mergulharam e puseram-se a raspar no gelo com toda a força. Daí a bocada já a baleia se remexia um pouco, mas ainda não conseguia soltar-se. Resolveram então usar a corda para a tirar dali. Primeiro enrolaram-na bem enrolada, ataram uma ponta ao cabo da vassoura e a bruxa Cartuxa tentou voar para longe arrastando a baleia dali para fora. Não conseguiu porque era peso a mais e porque metade

do corpo da baleia estava debaixo de água onde os seus feitiços não funcionavam.

A águia ofereceu-se para tentar. Segurou a ponta da corda no bico e elevou-se no ar. Mas também não conseguiu.

A seguir foi a vez dos primos. Subiram para o rochedo, agarraram a corda e deram-lhe uns puxões valentes. Mas também eles falharam.

A baleia pensou que afinal não iam poder libertá-la e começou a chorar. As lágrimas gordíssimas escorriam-lhe pelo corpanzil e ela tão triste, tão aflita que metia dó. A bruxa tentou acalmá-la.

— Não estejas assim, tem confiança em mim...



Na verdade a bruxa não sabia o que havia de fazer. Mas de repente teve uma ideia

— Já sei, já sei! Tenho a solução. Tudo resolverei, vamos cumprir a missão.

Capítulo 5

A canção de despedida

Matilde e Gonçalo ainda pensaram que a bruxa Cartuxa talvez tivesse dito aquilo só para acalmar a baleia. Mas estavam enganados. Ela imaginara uma ótima solução. Em vez de ser só um a puxar a corda, iam tentar todos juntos. Para isso dividiram a corda em três partes. Uma era para ela própria puxar montada na sua vassoura voadora. A segunda era para a águia puxar com as suas garras. A terceira ficou entregue aos primos, que subiram ao topo do rochedo para darem uns esticões.

Quando estavam a postos, a bruxa comandou:

— Preparar... estão prontos? Puxar!



O esforço em conjunto dá sempre resultado. Bastou um esticão e a baleia soltou-se! Ficou tão contente, tão aliviada, que rebolou na água para se livrar da corda e pôs-se logo a nadar a grande velocidade para bem longe do rochedo e do bloco de gelo que lhe tinham servido de prisão.

— Até se esqueceu de agradecer — comentaram os primos em voz baixa.

Mais uma vez se enganavam, porque a baleia deu uma volta larga e voltou para ao pé deles aos saltos de alegria. Da cabeçorra saíam esguichos de felicidade. Era a sua maneira de agradecer. Os primos acenaram, satisfeitos por



terem podido ajudar aquele ser marinho que, apesar de ser grande e forte, se encontrava em apuros.

— Adeus baleia!

— Não te voltes a meter em apertos!

A bruxa Cartuxa também se sentia feliz. Para dar largas à alegria, começou a voar à roda, à roda, em círculos e tão depressa que atrás da vassoura surgiam riscos brancos iguais aos que aparecem no céu quando passa um avião a jacto. A águia perseguia-a, na brincadeira, abrindo e fechando o bico amarelo.



- Não nos deixem aqui — gritou o Gonçalo.
- Não se esqueçam de nós — gritou a Matilde.



Ao ouvir o chamamento, a bruxa e a águia desceram imediatamente e pousaram no rochedo ao lado dos primos. E eles saltaram logo para o maravilhoso assento de penas onde iam viajar de regresso à floresta. Partiram sem demora porque o Sol descia devagarinho sobre as águas, a noite estava a chegar.

Pelo caminho, a bruxa Cartuxa não se calou. À sua maneira habitual, foi sempre falando em verso e como se sentia feliz, cantarolava as frases:

*Voltar para casa
Ao fim do dia
Missão cumprida
Que alegria!*

*Tenho amigos no ar
Na terra e no mar
Muitos são animais
Muitos são animais
Mas os meus preferidos
São dois seres humanos
Com menos de dez anos
Com menos de dez anos.*



Repetiu tantas vezes a mesma canção que os primos já a sabiam de cor e cantavam com ela. Só se calaram quando pousaram. À despedida, a bruxa Cartuxa disse-lhes em segredo que os seres humanos com menos de dez anos de quem ela mais gostava eram eles. E pediu:

— Voltem à floresta, sim? Mas não é só para me visitarem a mim. Quero que visitem a minha amiga fada Atarantada...

Antes que ela acabasse a frase, os primos remataram também em coro:

— Nós não perdíamos essa visita por nada!